

entrevista

ARMANDO BOITO JUNIOR

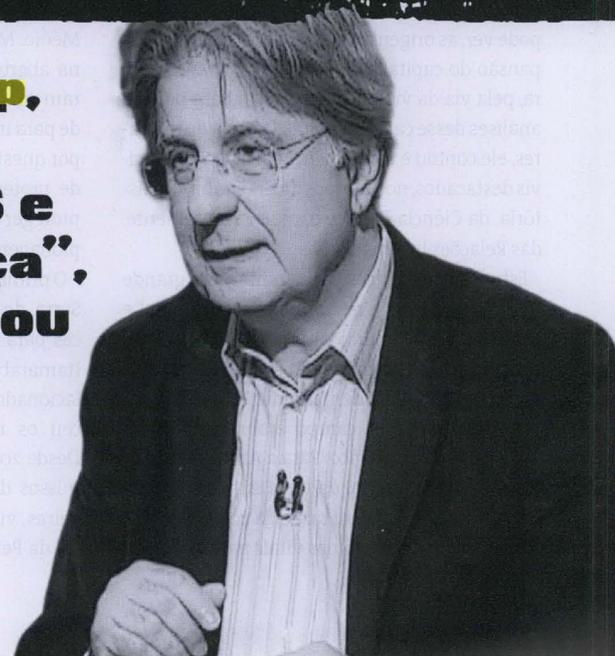
O CACO NO GOLPE

Cientista político da **Unicamp, Armando Boito, analisa o cenário pós-delação da JBS e a ação do “Partido da Justiça”, como ele chama, que balançou os rumos do golpe**

**por Aray Nabuco,
Lilian Primi e Lúcia Rodrigues**

FOTO: REPRODUÇÃO YOUTUBE

16 - Caros Amigos





A frente do golpe rachou e ficou difícil dizer até o mais próximo futuro do governo Michel Temer a partir do início de junho, após as delações dos irmãos Wesley e Joesley Batista, do grupo J&F. Assim como o cenário em que se desenrola o golpe, evidenciando contradições em sua “frente política” — que além da direita, reúne o Judiciário e a mídia. Diante do racha e das graves denúncias, Temer parecia estar por um fio e, independente da situação agora em que lê essas linhas, uma análise das forças que passaram a se antagonizar no olho do furacão golpista e do ódio antipetista permite entender as ações e o perfil de classes dos grupos que comandaram toda a movimentação política e social desde 2014 — e que certamente, adiante até 2018, farão de tudo para manter seus interesses — e o PT afastado do poder.

Se parece que PSDB e PMDB, além do DEM, perderam o comando do golpe, para o cientista político Armando Boito Junior, do Departamento de Ciências Políticas da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, é por ação de um personagem que decidiu não apenas corroborar com a classe política no antipetismo, mas ser protagonista: o “Partido do Sistema de Justiça”, como ele chama a alta classe média formada por juizes, promotores, delegados, entre outros, com viés autoritário e que se misturavam aos golpistas no ódio às políticas sociais do PT, mas não nos demais interesses e casos de corrupção. Foi a nota dissonante no que parecia uma orquestra muito bem ensaiada.

Na entrevista, o cientista político analisa este cenário de embates de interesses de classe que anuviou a vida de tucanos e peemedebistas, revirou a opinião da sociedade, respingou na “República de Curitiba”, e deu novos possíveis cenários ao País, que não o de talvez engolir Temer até 2018 — embora não seja possível definir qual cenário vai se impor. Confira abaixo.

Aray Nabuco — Como é que você avalia a atual fase do golpe? Ao que tudo indica houve um racha com a delação dos irmãos Batista, da J&F.

Armando Boito — Não tenho a menor dúvida que, na frente que promoveu o golpe do

impeachment, surgiram contradições, que não são novas, já existiam antes e se aguçaram, e eles estão rachando. Isso não há a menor dúvida. Eu vejo que a crise política entrou em uma fase nova. Qual é o conflito principal que está provocando essa nova situação de instabilidade? Eu acho que é o conflito... Eu vou falar uma coisa que, assim à primeira vista parece óbvio, aliás eu acho óbvio, só que depois eu quero acrescentar algo. O conflito principal é entre o sistema de Justiça, Ministério Público, Polícia Federal, parte dos juizes, inclusive do Supremo, de um lado versus Executivo federal e sua base aliada no Congresso Nacional. Eu acho que isso salta aos olhos, né? Tem uma disputa pesada entre, vamos chamar assim, essas duas instituições, esses dois centros de poder.

E qual é a situação curiosa aqui? A situação curiosa é a seguinte: quem deu um golpe não foi o sistema de Justiça, eles foram um instrumento, um elemento ativo importantíssimo no golpe, mas não foram eles que deram. Eles nem têm instrumento para dar o golpe. As Forças Armadas podem dar um golpe pondo tanque na rua. O Legislativo, o Congresso Nacional pode cassar o presidente votando. O Judiciário não tem muito mecanismo para isso, na verdade, né? Então, eles foram instrumento ativo importantíssimo no golpe do impeachment, mas o golpe dependeu desses quadros políticos, do PMDB, do PSDB e dos Democratas, que hoje controlam o governo. Eles que controlaram o processo, eles estimularam muito a Lava Jato, muito, viam que a Lava Jato ia com tudo para cima do PT e estimularam muito. Só que, agora, por que é que estamos numa crise na qual o governo Temer tem a sua permanência, a sua sobrevivência comprometida? Porque o instrumento que eles usaram para dar o golpe se voltou contra eles, porque eles perderam o controle do instrumento com o qual eles deram o golpe. Em parte, isso aconteceu porque eles tinham a mesma ilusão, no meu modo de ver, que grande parte da esquerda tinha. Grande parte da esquerda achava o seguinte: que o sistema de Justiça era apenas um pretexto para combater o PT e o governo do PT. Boa parte da esquerda acreditava nisso. E da direita também. Eles achavam que o sistema de Justiça só iria para cima do PT. Se o Aécio imaginasse esse fim que ele está tendo agora, ele teria estimulado a Lava Jato como estimulou, teria dado corda ao combate à corrupção?

Lúcia Rodrigues — Mas, professor, por que isso acontece nesse exato momento?

Então, o que eu falei, acho mais ou menos evidente, mas agora, o que acontece? Acontece que houve uma frente política para dar o golpe que foi entre a alta classe média, que saiu às ruas na Paulista, em Copacabana, no Farol da Barra, na Praça Cívica, nas capitais Brasil afora.

Lúcia Rodrigues — São os paineleiros.

Os paineleiros, mas é alta classe média. Onde batiam panela era fundamentalmente na Zona Oeste, não na Zona Leste de São Paulo. Todos os levantamentos empíricos mostram que quem ia à Paulista, Farol da Barra, Copacabana etc., isso é geral, era pessoa de renda muito alta e de escolaridade muito alta. Então, é uma fração, não é a classe média, é uma fração da classe média, a alta classe média. Teve uma participação importantíssima no golpe, é o óbvio. Aquelas manifestações sucessivas estimuladas pela Globo, que praticamente convocava as manifestações junto com o Vem pra Rua, com o MBL (*Movimento Brasil Livre*), aquilo lá teve um papel muito importante no quê? Em fazer com que os deputados, ainda em cima do muro, aderissem ao golpe. Então, você tem uma classe social, com interesses específicos participando dessa frente, a fração de uma classe social. Quais são os interesses dela? O interesse, fundamentalmente, é acabar com a política social dos governos do PT porque essa classe social estava vendo como uma ameaça ao *apartheid* social que ela faz questão de manter no Brasil. Todos vocês viram manifestações em redes sociais etc., aquele incômodo com a presença de pessoas de origem popular em clínicas, aeroportos etc. Eles eram contra política social também, porque eles acham que é o imposto deles que paga a política de direitos sociais.

Então, aqui você tem uma ala da frente golpista, a alta classe média. Quem representa a alta classe média dentro do sistema político brasileiro? É o PSDB? Não é. A alta classe média vota no PSDB, basta ver a geografia do voto, isso é óbvio, a alta classe média opta pelo PSDB nas eleições, inclusive contra o PT. Mas não é alta classe média que controla o PSDB. E ela sabe disso. Eu vou dizer por quê. Quem controla o PSDB é o capital internacional e os setores da burguesia brasileira integrados a esse capital. Já leram

o livro do Fernando Henrique Cardoso *A Miséria da Política?* É uma coletânea de artigos que ele publicou no *Estadão*, no *Globo* etc. Ponto por ponto, tudo o que ele propõe, artigo após artigo, é a abertura à desnacionalização etc. etc. Muito bem. Então, quem dirigiu o golpe foi o PSDB, depois de uma certa fase, pela dinâmica do processo de impeachment, perde para o PMDB, mas foram eles que ativaram desde o início, entrando com todo o tipo de recurso, recontagem de voto, impedimento de posse, depois, enfim, até que chegou no que chegou, ao impeachment etc. A alta classe média sabe disso. O que eles fizeram quando o Alckmin, o Serra, o Aécio compareceram lá na Avenida Paulista? Eles não foram bem recebidos. Não sei se vocês se lembram, mas eles tiveram que sair.

Então, eles estavam juntos, a cúpula do PSDB, que representa o capital internacional, e a alta classe média, estavam juntos unidos na luta contra os governos do PT, tinham um inimigo comum. Ambos eram antipetistas, mas isso não significa que eles tivessem os mesmos interesses, que fossem antipetistas pelas mesmas razões. Porque, o que a classe média quer? A alta classe média quer, de fato, que acabe com a política social do PT, mas não quer que acabe com o crescimento econômico, não quer o ajuste fiscal que estão fazendo. Isso quem quer é o capital internacional...

Aray Nabuco — Então, a gente pode dizer que o racha...

Surgiu agora o racha que você falou, o racha que aparece entre o governo e o sistema de Justiça. Na verdade, por trás desse conflito institucional, governo, Executivo federal e sistema de Justiça, tem um conflito de interesse de classe, que é o capital internacional e a alta classe média, porque eu não completei: quem representa a alta classe média no processo político é o partido do sistema de Justiça, porque delegados, procuradores e juizes fazem parte, eles próprios, da alta classe média e porque eles têm uma formação autoritária por fazerem parte do ramo repressivo do aparelho do Estado. E essa formação autoritária também faz eles se voltarem contra o governo de esquerda, que eles entendem que é condescendente com a bagunça que os movimentos populares fazem, no linguajar deles.

Aray Nabuco — O racha que nós estamos vendo então, é uma questão entre o capital internacional e a burguesia ainda, que compete com esse capital no mercado.

Esse é um outro conflito. Esse foi o conflito que esteve no centro da crise da Dilma. Eu acho que o conflito entre o capital internacional, representado pela oposição, PSDB, PPS e Democratas são os importantes, e o PT, com o PMDB no meio balançando, esse conflito era fundamentalmente um conflito entre o capital internacional e essas grandes empresas brasileiras, que eu chamo de burguesia interna para não chamar de nacional, porque ela não aspira autonomia, não aspira um projeto autônomo de desenvolvimento, ela não chega a tanto, mas ela tem conflito com o interesse internacional.

Toda crise política, geralmente, tem um conflito principal. Na crise da Dilma, o conflito principal era essa rivalidade. Agora, não. Entra aquele que deu o golpe, mas não consegue... o Temer está fazendo tudo para desnacionalizar a economia, o problema é que ele não consegue estabilizar o governo. Mas quem está proibindo? Estão estorvando o Meirelles (*Henrique, ministro da Economia*). Tudo o que o capital internacional e a grande burguesia queriam, o Temer está fazendo. De onde vem esse estorvo? A própria burguesia que está se autossabotando? Não é. Vem de uma outra classe. Mas como de uma outra classe, se é um ramo do aparelho do Estado? É uma outra classe porque esse ramo do aparelho do Estado tem essas características especiais que eu disse, e está funcionando como partido da alta classe média. E tem mais, ele sabe que é representante da alta classe média e a alta classe média sabe que eles são seus representantes.

Aray Nabuco — Tem uma cumplicidade.

Tem. Eles convocam, o Moro convoca manifestação dessa gente.

Lilian Primi — O que o senhor chama de alta classe média brasileira são profissionais autônomos?

Autônomo ou assalariado. São engenheiros, médicos, advogados, professores universitários, são profissionais qualificados, são profissionais liberais, estão na empresa privada ou na empresa pública, mas têm um nível de vida, de renda, não vou dizer salário, de renda, porque muita coisa nem salá-

rio é, muito elevado, elevadíssimo para o padrão brasileiro e internacional. Ou você acha que um juiz de Direito na França, um desembargador na França ganha 70 mil euros por mês como receberam (*aqui no Brasil*), segundo editorial do *Estadão*, R\$ 200 mil por mês, em média, no ano de 2015.

Aray Nabuco — É uma casta, né?

É uma casta. É uma coisa muito rica, muito rica, mas que não é burguesia. Eles estão sendo um estorvo para a burguesia. A Lava Jato agora é um estorvo para a burguesia. Os procuradores, os delegados, isso que eles fizeram, de pegar... A JBS está perseguida, ela é a grande burguesia interna, mas ela está perseguida, ela quer se livrar da cadeia, já viu a quantidade que ficou presa naquela, como diz o Requião (*Roberto Requião, senador pelo PMDB*), na Guantânamo do Paraná, na masmorra de Curitiba. Já tem gente que fica lá um ano e meio, dois anos, sem ter pena, sem ter transitado em julgado. A própria Odebrecht. Então, ele está perseguido. Ele pega e vai lá. Quem está criando a situação não é ele, é o Ministério Público. O Ministério Público que criou e quem aceitou a denúncia foi o Fachin (*Edson Fachin, ministro do Supremo Tribunal Federal*).

Lúcia Rodrigues — Professor, e o papel da mídia? A gente percebe que a Globo, o senhor já colocou muito bem, foi a grande impulsora do golpe e agora ela e a Veja chamando "Fora, Temer" e a Folha e o Estadão tentando segurar. Por que é que está tendo esse racha no seio da mídia capitalista?

A análise da mídia mereceria um capítulo à parte. Primeiro, eu acho que há uma tendência generalizada a superestimar a importância da mídia. A *Rede Globo* tem um papel muito grande, importantíssimo para, principalmente, formar a opinião pública e mobilizar os espíritos. Chamar para as ruas em alguns casos e inibir em outros casos, que nem, por exemplo, em 2015 era convocação dos amarelos e ocultamento dos vermelhos. Tem um papel importantíssimo. Agora, muitos, não é o caso de vocês... Muitos pretendem apresentar a Globo como um partido, "o" partido político da burguesia, por exemplo, imaginar que a Globo faz as análises, concebe e aplica estratégias como representante da burguesia. Eu acho que

isso não existe. Olha o que disseram, que rolou aí em todas as redes, que a Carmem Lúcia, a presidente do STF (*Supremo Tribunal Federal*), vinha se reunindo com, eles usam essa palavra “pesos-pesados do PIB”, eu não gosto de ter intimidade com esse tipo de expressão, grandes empresas, parece que tinham quinze grandes empresas. E o único representante de mídia que tinha era da Globo, estava lá ele e, paralelamente, já estava correndo a delação, a coleta de informações dos procuradores com Joesley, que é março também.

Muito bem, aí o que foi que correu? Que era uma armação da *Rede Globo*, que já estava tramando isso para depor o Temer e colocar a Carmem Lúcia. A Globo não tem esse poder, gente. A Globo reagiu diante de um fato consumado. O procurador, que é um funcionário de médio escalão, decidiu, como membro do partido do sistema de Justiça, da Lava Jato, e como integrante apaixonado da classe média, que devota um ódio mortal ao PT. A gente sabe que esses delegados, procuradores, todos, vão ver o que eles dizem nas redes... Então, tem também de pensar na imprevisibilidade. Estão imaginando que política é uma coisa todinha arquitetada. Esse procurador decidiu pegar o... Aliás, o Joesley poderia também não ter decidido fazer a delação porque ele ainda não era réu, ele estava denunciado. Muito bem. Aí falaram que o plano era esse: depor o Temer e eleger a Carmem Lúcia.

Lúcia Rodrigues — Impossível.

É impossível por uma razão muito simples.

Lúcia Rodrigues — Tem que ter filiação partidária.

Sei lá, vamos supor que ela tivesse e pudesse. Quem está acompanhando política brasileira com atenção é capaz de imaginar que os deputados vão eleger um juiz da Suprema Corte para presidente? Você tem 130 denunciados, mais os amigos deles. Estou dizendo... Você falou logo no começo: qual o conflito principal hoje? É do Executivo e sua base legislativa contra o Judiciário. Aí o Legislativo vai lá e eleger a Carmem Lúcia? Isso não tem pé nem cabeça. Acho que tem gente superestimando a importância da mídia. Eu repito: a Globo, mais que todas, mas toda a mídia é muito importante para formar valores, ideias, formar opinião.

Lúcia Rodrigues — É um aparelho ideológico.

É um aparelho ideológico, exatamente, para chamar para a rua alguns, tirar das ruas outros, mas ela não é organizadora. Agora, aí o pessoal fala “a mídia”. Bom, agora aconteceu que a mídia está rachada. Vamos constatar primeiro esse fato, está rachada. Por que é que está rachada? Francamente não sei. Essa é a minha resposta. Não sei, eu não sei. Será que esse racha, é uma pergunta, será que esse racha na mídia não está refletindo o racha na frente golpista? Porque essa mídia, ela depende... A *Veja* depende diretamente da classe média. A *Veja* sabe que quem compra, gosta, é classe média abastada. É isso. Então, a *Veja* pode estar se perfilando muito fortemente com esse setor. Aliás, eu já tinha essa hipótese de que a *Veja* é a representante na imprensa dessa alta classe média. Mas aí como é que ficaria a Globo, a *Folha*, o *Estado*? Não sei.

Aray Nabuco — A gente falou que no início do golpe esses dois setores, a alta classe média e a burguesia associada, como você chama, estavam aliados e agora estão rachados. Essa nova configuração no golpe e do cenário político após a denúncia do Joesley, que arrasou politicamente Aécio e o PSDB, pode jogar o Brasil no colo de Bolsonaro, que cresce exatamente nessas classes?

Essa questão é difícil e é importante. Vários países do mundo estão em uma situação desse tipo, né? O que nós vimos na França agora? A própria esquerda, a maior parte da esquerda francesa votou em um candidato de direita, que é o Macron, para evitar a extrema-direita, que era a Marine Le Pen. Nos Estados Unidos também aconteceu isso, o Trump com a Hillary. Na Dinamarca aconteceu isso também, na Holanda, embora perdeu feio. Na Áustria aconteceu isso, a extrema-direita perdeu por pouco. Na Holanda, aconteceu isso, eles perderam mais ou menos por folga e, na Dinamarca, na Dinamarca aconteceu isso também, ficou entre a direita e a extrema-direita. Então, isso é um cenário que nós estamos vendo acontecer.

Mas acho difícil, eu não estou vendo assim, não. Você tem razão, as últimas pesquisas de intenção de voto apontam um crescimento muito grande da votação do Bolsonaro nas camadas de alta renda. Agora, antes de che-

gar a obter voto, tem muitos arranjos, acordos políticos a serem feitos. Bolsonaro não tem partido, aquele partidinho dele... Como é que ele forma maioria no Congresso Nacional? Vai ser um novo Collor? Os operadores políticos fazem esses cálculos. O PSDB vai ficar votando no Bolsonaro, nas propostas...?

Lúcia Rodrigues — Professor, o próprio Fernando Henrique apresentou uma “terceira via”, colocando como os grandes baluartes o João Doria, prefeito de São Paulo, e o apresentador da Globo, Luciano Huck. A gente percebe que a sociedade está com uma grande revolta em relação aos políticos. E Bolsonaro vem desse sistema, quer queira, quer não. Está se criando um caldo de cultura contra os políticos, e quando se coloca nomes de “fora do sistema” — não que o Doria seja fora do sistema...

Mas aparece como tal.

Lúcia Rodrigues — Isso, aparece como tal. E o Luciano Huck é tirado do bolso do colete pelo Fernando Henrique e por algumas pessoas que colocam o nome dele. É um balão de ensaio, isso tem alguma procedência? Como é que o senhor vê isso?

Olha, o que o Fernando Henrique fala a gente deve ouvir com cuidado porque ele está falando coisas contraditórias. Nesse caso do Temer, por exemplo, primeiro ele falou, a imprensa mostrou, que era necessário uma negociação do PSDB com o PT para pensar uma saída para a crise e tal, e ao mesmo tempo ele telefonou para o Temer com o objetivo de uma eleição indireta. Depois, no dia seguinte, ele telefonou para o Temer e falou para o Temer aguentar firme. Está difícil, né?

Agora, a questão que você colocou, independentemente do Fernando Henrique, é de novo a questão se o Bolsonaro pode crescer. É, vamos aguardar. Existe uma tendência autoritária na alta classe média. Vamos pensar um pouco, então. Essa tendência autoritária pode se fortalecer com a subida, com o fato de o Lula ser aquele que tem maior declaração de intenção de voto; pode se fortalecer na medida em que eles veem um governo posto lá, que eles imaginavam que iria levá-los para uma situação tranquila, e não foi bem-sucedido, então, pode começar a bater um certo desespero nesses setores e aumentar

muito o voto para o Bolsonaro. É que só nesse setor não adianta. Ai é a questão do limite. O Bolsonaro cresceu muito nas camadas de altas rendas e só aí não eleger ninguém para cargo majoritário.

Aray Nabuco — A gente está falando aqui, professor, que tanto o golpe no Brasil quanto em outros lugares, está acontecendo por ação de interesses do capital internacional e do capital local. É possível dizer que a democracia está sendo morta, que a representatividade está comprometida diante da ação dessas forças do capital?

Olha, nós ainda nos encontramos no Brasil em um regime democrático. O Congresso Nacional funciona e existem liberdades de pensamento, expressão, reunião, embora com algumas ameaças e restrições, mas ainda existem. Agora, nós estamos, eu concordo com você, que sugeriu isso na sua própria pergunta, que há um processo de degradação da democracia, até porque tem qualidade, tem a qualidade da democracia. Existem as democracias mais avançadas e tem a democracia mais atrasada. Degradação, desidrataação.

Lúcia Rodrigues — Professor, mas há quem fale em estado de exceção. Como o senhor avalia esse tipo de afirmação?

Eu não uso essa noção de estado de exceção, eu uso a noção de ditadura e democracia. E a ditadura e a democracia são duas formas que o Estado assume, pode assumir, na moderna sociedade capitalista. E nós não estamos em uma ditadura. Uma ditadura exclui qualquer tipo de representação popular por intermédio do voto e, por excluir qualquer tipo de representação popular por intermédio do voto, pode sufocar a liberdade de pensamento, expressão, manifestação. Não é isso que acontece no regime que a gente vive no Brasil de hoje, mas, repito, está uma democracia em processo de deterioração, de degradação.

Lilian Primi — Só continuando aquela análise das forças em jogo, a gente tem visto nas classes populares uma coisa muito forte tipo “nós por nós”, que é resultado de uma descrença, assim, não se importa mais com quem é governo, quem é partido, quem não é partido. Tem isso na favela do Rio, onde são

muito agredidos, e também aqui em São Paulo. Como é que você acha que essas forças populares, que estão organizadas de alguma forma, podem entrar nessa situação, nessa crise?

Um dos grandes responsáveis por isso é o governo Dilma Rousseff, porque a Dilma fez uma campanha, coisa que é mais do que sabida, com um discurso bem de esquerda, bem avançado, de combate ao capital financeiro, aos bancos, em defesa das políticas sociais e, assim que ela assumiu, ela começou a implantar um ajuste fiscal que ia na direção oposta do que ela tinha falado. Isso desmoraliza. Quer dizer, todo o eleitorado dela, a massa popular, você falou descrença, seja qual for o partido, origina esse tipo de sentimento. Uma outra debilidade que tem é que — aí transcende o governo da Dilma, é todo o governo do PT — o PT não organizou as classes populares. O PT nunca colocou... Falam muito que a Globo, a mídia, não sei quê, mas o PT nunca se preocupou em fazer uma imprensa própria, nunca. Sequer tentou regulamentar economicamente a mídia para impedir o monopólio, não é? E tampouco se preocupou em organizar. Tem 45 ou 40 milhões de beneficiários do Bolsa Família; estão dispersos pelo País. Se você pegar Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada, Luz para Todos, Programa de Cisternas, isso deve dar 60, 70 milhões de indivíduos no Brasil. O PT nunca se preocupou em organizar os beneficiários dos programas sociais dos governos do PT.

Lúcia Rodrigues — Porque o PT criou consumidores e não cidadãos.

Estava preocupado em criar consumidores, e porque o PT, comprometido que estava com a grande burguesia interna, sabia que, se partisse para a organização massiva da população, ia espantar as grandes empresas. O Frei Betto defendia, no primeiro governo Lula, que houvesse organização dos beneficiários do Bolsa Família. Ficou como voz isolada, acabou se demitindo. Então, não foi por acaso...

Aray Nabuco — Professor, a gente fez algumas análises aqui do embate dos capitais e citamos países que se encaixam no dito “fim do ciclo” dos governos mais progressistas na América Latina. Mas temos os casos do Uruguai e Equador onde

a esquerda se manteve no poder. O senhor chegou a olhar para essas exceções?

É, os que se mantiveram, se pegar Bolívia, Equador, Venezuela — Venezuela ainda se mantém, em crise, mas ainda está lá —, primeiro, foram governos muito mais avançados que os governos do PT. Todos os três convocaram constituinte, elaboraram uma nova Constituição, mais progressista etc. Outro aspecto é que são países menores, com capitalismo menos desenvolvido, cujas economias giram em torno das riquezas minerais, aquilo que na teoria da dependência era chamado de economias de enclave. Então, você tem um setor, o Estado nacionaliza, que foi o que aconteceu em todos esses três, o Uruguai eu estou deixando de lado, o Uruguai é diferente. Mas nesses três, o grosso da economia nacional está controlado pelo Estado. Aqui, a Petrobras é estatal, mas não é verdade que o grosso da economia do País esteja controlado pelo Estado.

Você tem aqui uma burguesia muito maior, muito mais ampla, diversificada, classes médias idem, então, aqui o quadro é mais complexo e mais difícil de realizar uma estratégia como o Evo Morales, Chávez e o Corrêa realizaram. Agora, será que isso significa que o ciclo se esgotou? Primeiro que esses três continuam em pé, então, acho que não dá para afirmar que o ciclo se esgotou, de jeito nenhum. Quando eu falo ciclo se esgotou, eu estou falando daqui para frente não vai ser tal coisa, vai ser outra, estou fazendo análise prospectiva. Quando você faz análise prospectiva não dá para ser tão taxativo, né? Mas diziam que o ciclo esgotou um ano atrás. Agora, este ano, o que a gente descobriu? O Lula está na cabeça nas pesquisas de intenção de voto. Mas muito mais do que isso, você acha que o governo Temer é capaz de encerrar algum ciclo? O governo Temer não começa nem inicia nada, o governo Temer é uma grande dor de cabeça, inclusive para quem deu o golpe. Então, o que eu acho que a gente pode dizer é que esse ciclo está em crise, porque o Macri (*Maurício Macri, presidente argentino*) também está balançando bastante. Não resta a menor dúvida, esse ciclo está em crise e a direita é que está ocupando o governo, mas a situação não é de uma nova estabilização, porque o fim do ciclo exigiria uma nova estabilidade, agora de outro tipo, mas não é isso que nós estamos verificando.

Lilian Primi — Você acha que esse caos é proposital? Às vezes, me dá essa impressão, fico lembrando das primaveras árabes. Você acha que é possível isso aqui?

Não, eu acho que... No momento atual eu acho que não dá para falar isso. Sabe por quê? Porque o Temer já tinha aprovado o projeto do Serra, pelo qual a Petrobras deixa de ser a operadora única, o Temer está acabando com o conteúdo local, pelo qual a Petrobras era obrigada a comprar serviços e equipamentos aqui dentro.

Lilian Primi — Mineração não precisa nem falar, né?

Mineração já era. Agora, ele estava discutindo com a Nestlé, com a Pepsi-Cola a desnacionalização do aquífero Guarani. Então, é um governo que está fazendo, está aplicando o figurino do capital internacional. E veja, o imperialismo sabe que o Brasil não é a Bolívia, quer dizer, não é a Bolívia, não é o Equador, é um País maior, mais complexo. O que é que acontece? Eu acho que para o imperialismo estava bom do jeito que estava.

Lilian Primi — Com o Temer?

Com o Temer. Estava bom do jeito que estava. O que acontece é que tem esse elemento aí, que se chama partido do sistema de Justiça, o partido da Justiça — eu falava o partido da Lava Jato, mas hoje já dá mal entendimento porque a Lava Jato é uma coisa menor. O que eu acho é que esse partido do sistema de Justiça está colocando merda no ventilador (*risos*).

Lúcia Rodrigues — Então, professor, será que o ventilador não vai ser desligado?

Mas quem é que desliga o ventilador?

Lúcia Rodrigues — Não sei. É isso que eu gostaria de saber.

Tem duas coisas mais gerais. Primeiro, não há um sujeito da história que seja claro e evidente, que esteja presente em todos os lugares e controle todo o processo. Existe o imprevisível, aleatório. Se você for pegar, por que esse procurador aceitou o depoimento do Joesley? Bom, nada é totalmente aleatório. O primeiro elemento geral que predisponha esse procurador a aceitar é esse sentimento de muita raiva que existe no sistema de Justiça. Porque é o seguinte, uma coisa que eu não falei,

quando a Lava Jato perseguia o PT, ela perseguia o PT porque ela considerava o PT o inimigo principal. E é mesmo, o inimigo principal da Lava Jato e do sistema de Justiça é o PT, mas não é o único. Porque na política a gente tem vários inimigos; de acordo com a conjuntura, você elege um principal e ataca, você não vai atacar tudo ao mesmo tempo. Mas a corrupção praticada pelo PMDB e pelo PSDB também incomoda essa gente, especialmente pelo PMDB, pelo PSDB menos. Também incomoda essa gente e eles têm essa predisposição de apurar aquilo que o PMDB está fazendo, ah, se tem. Então, esse sujeito, esse procurador já tinha essa predisposição de fundo. Agora, ele podia ter tomado outra decisão.

Lilian Primi — Você acha que essa petulância e a ousadia do Sérgio Moro abriram uma seara dentro desse sistema? Porque qualquer procurador pode ter uma iniciativa dessa, né?

Acho que sim. Mas tem que lembrar o seguinte: ele é petulante, ele é ousado, mas temos que lembrar que ele foi muito respaldado pelo imperialismo estadunidense. Fez um curso, o Departamento de Justiça deu um curso sobre lavagem de dinheiro, como perseguir corrupção para a equipe do Moro, um grupo de juizes no Rio.

Lúcia Rodrigues — Lá nos Estados Unidos também.

Nos Estados Unidos, depois no Rio e depois em Curitiba. Além disso, há grandes suspeitas de que ele foi municiado com informações do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Depois não é só suspeita, o Janot (*Rodrigo Janot, procurador-geral da República*) punha os documentos da Petrobras debaixo do braço e viajava para os Estados Unidos para entregar para os cidadãos americanos que estão processando a Petrobras. Eles assinaram acordo com ministérios públicos de outros países pelos quais, por exemplo, agora você tem procuradores da Justiça francesa, não sei se vocês estão sabendo disso, examinado aqui a corrupção no projeto do submarino nuclear brasileiro. Eles vão acabar com o projeto do submarino nuclear.

Lilian Primi — Quem fez esse acordo?

O Ministério Público fez o protocolo, que é totalmente inconstitucional porque tem que ter autorização do Poder Executivo para fazer

qualquer convênio internacional desse tipo. Mas eles estão fazendo tudo à revelia da lei, da Constituição, estão mandando bala e está assim. Então o Moro pode ser ousado, mas ele tinha costa larga.

Lilian Primi — Alguém tem de sustentar o nariz empinado dele.

Isso, é isso. Ele abriu, sim, abriu uma brecha, já vinha num processo de judicialização, na ciência política fala-se de judicialização da política brasileira desde a década de 1990. De lá para cá, eles vieram crescendo.

Aray Nabuco — A gente viu toda essa movimentação desde a eleição da Dilma, o golpe. No fim, 2018 deve ser um cenário sem grandes novidades, exceto talvez Ciro Gomes, se conseguir emplacar a chapa dele. O senhor vê outra novidade?

Se o Lula puder se candidatar... Eu penso que, do ponto de vista do partido do sistema de Justiça, o melhor era não prender. Condenar, para tornar ele ficha suja, mas sem prender, para não fazer muita turbulência, muito alvoroço. Condena ele a pagar cesta básica ou fazer um serviço social. Só para ele não sair candidato. Mas eu queria, porque ali juntou uma questão, e depois você voltou a ela, eu acabei não falando. Quem é essa burguesia interna, internacional. Na política do Lula e da Dilma, as grandes empresas nacionais, querem que o capital estrangeiro venha para cá, elas se favorecem com isso tecnologicamente, financeiramente, o capitalismo brasileiro cresce. Elas não são contra o capital estrangeiro, elas não têm um projeto de desenvolvimento autônomo do capitalismo brasileiro. Mas elas disputam com o capital estrangeiro posições no capitalismo brasileiro e agora até internacional.

Lúcia Rodrigues — Vide a Odebrecht...

Odebrecht, Friboi... Então, elas têm essa relação de unidade com o capital estrangeiro e ao mesmo tempo de conflitos, concorrência, e os governos do Lula e da Dilma, alguns segmentos dessa grande burguesia interna foram claramente priorizados, beneficiados pela política econômica do Estado. A gente diz nos conceitos de ciência política que eram segmentos que tinham a hegemonia no bloco do poder. Estava o agronegócio, a construção pesada, a construção naval, os bancos nacionais... Porque vejam só, falar, "pô,

mas os bancos, o Fernando Henrique também atendia aos bancos"; o Fernando Henrique atendia fundamentalmente aos bancos internacionais. O Lula, tanto é que houve um processo de renacionalização com o Lula. Vocês viram agora que saiu a notícia de que o presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, ele deu uma entrevista, acho que foi ao *Valor*, em que ele fala: "Nós vamos retomar o processo de internacionalização do sistema bancário". Foi um processo, uma política que o Fernando Henrique começou em 95.

Lilian Primi — E Lula e Dilma, ao contrário, fortaleceram Banco do Brasil e Caixa Econômica.

Então, eles priorizaram. Eu acompanho a imprensa dessas associações. Eu faço pesquisa, tenho orientandos meus que pesquisam segmentos específicos. Eu digo, assim, com a maior tranquilidade, se você lesse, aí entra a coisa da mídia de novo, o editorial do *Globo*, o editorial do *Estadão* em menor grau, mas também o editorial da *Folha*, todos criticaram aquela nova matriz de política econômica do Guido Mantega, não foi? Muito bem. Tirando os bancos, todas as demais associações elogiaram. A única ressalva que faziam era o seguinte: é pouco, queremos mais. É isso. Então, eu posso dizer tranquilamente, essas grandes empresas desses segmentos tiveram os seus interesses priorizados no governo Lula. Priorizados pelo BNDES. Era a indústria naval, com a política de conteúdo local. Então, para mim isso está muito claro: se você pega as críticas do PSDB, está claro que é contra todos esses programas. Fernando Henrique, eu citei esse livro (*A Miséria da Política*), porque sintetiza, mas as coisas que o Serra escrevia na imprensa, o Aécio, eram contra a política de conteúdo local, eles sempre escreveram. Diziam que o protecionismo não é bom porque desestimula a inovação tecnológica e as empresas nacionais iriam ficar para trás. Então, o argumento do efeito perverso, uma política feita com a intenção de beneficiar, acaba prejudicando. Eles criticavam a política de financiamento subsidiado do BNDES, que permitiu a reconstrução da indústria naval, obras públicas etc. Criticavam. Criticavam por quê? Porque diziam que isso estava aumentando a dívida pública. Eles criticavam as obras públicas. Fernando Henrique não fez obra pública, não fazia, não tinha obra com o Fernando Henrique.

Lilian Primi — Era tratada nas construtoras como a década negra, a do Fernando Henrique.

Pois é. E o que os tucanos diziam agora? Diziam que isso daí eram obras faraônicas, só falavam mal das obras, inclusive a transposição do São Francisco e essa agitação contra os estádios da Copa, que eu achei a coisa mais atrasada que surgiu e, infelizmente, parte da esquerda aderiu a isso. Mas o Brasil precisava de novos estádios, quem há de negar isso? Bom, mas então, o governo do PT priorizava esses setores das grandes empresas nacionais. Aí você vê o programa do PSDB, os artigos das grandes lideranças desse campo, só defendem o capital internacional. Onde está esse capital internacional? Vocalizado no FMI, no Banco Mundial, nas empresas de classificação de risco, em Davos...

Lúcia Rodrigues — A gente viu que o empresariado, das empreiteiras, do agronegócio e dos bancos foram os grandes financiadores de campanhas. Por que não surgiu nada em relação aos bancos? O senhor acredita que o "partido do sistema de Justiça" vai entrar para averiguar corrupção nos bancos?

Desses segmentos, os bancos são o mais poderoso. Até agora, eles não bateram firme nos bancos, mas parece que uma eventual delação do Palocci (*Antonio Palocci, ex-ministro de Lula*) poderia atingir os bancos também. Começou a chegar um pouco perto. Com o BNDES vai pegar mais as empresas que tomaram empréstimo e a direção do BNDES. Mas o Palocci, vi o trecho do depoimento em que ele fala e tudo indica que, se ele for fazer delação, vai falar dos bancos.

Aray Nabuco — A gente falou de setores da classe alta, da alta classe média e da classe média, mas nesse processo do golpe, especialmente na ascensão do ódio, qual delas o senhor acha que é pior na reprodução desse comportamento?

Aquela que teve o papel mais importante para difundir o antipetismo foi a alta classe média, isso eu acho uma coisa bem clara. A baixa classe média, que apoiava os governos do PT, teve muita medida que beneficiou a baixa classe média, Reuni, ProUni, Fies, desconto na linha branca, emprego. A gente está sem pesquisa muito segura, mas acho que eu consigo dizer que, no geral, eles foram

neutralizados ou passaram para a oposição. Acho que 2013, com o MPL (*Movimento Passe Livre*), mostrou um pouco isso, que ali era baixa classe média no começo. Depois foi outra coisa, mas no começo era baixa classe média por uma reivindicação popular. Aí, a análise que eu acho mais verossímil, mais plausível, é a seguinte: eles estavam investindo muito no ensino universitário, esse pessoal da baixa classe média chegou na universidade, o governo do PT mais que dobrou a população universitária, mas eles verificaram que o diploma não dava aquele emprego que eles imaginavam que teriam, porque os empregos que o PT criou, ele criou milhões de empregos, eram de muito baixa renda, até dois salários mínimos eram 95% desses empregos. Na década de 1970, até dois salários mínimos era cerca de 65% dos empregos. Então, na década de 70 se criava muito emprego para a classe média. Na década de 2000, embora o PT tenha criado muito, criou pouco emprego para a classe média. Então é essa coisa de agronegócio, construção. O PT não reindustrializou o País. Então, houve esse fenômeno, que acontece muito na política, um setor beneficiado pelo governo, essa baixa classe média, mas ele acaba se voltando contra o governo porque foi beneficiado, mas pela metade, digamos.

Agora, essa agitação toda contra a corrupção, a campanha contra a corrupção, no mínimo, neutraliza grande parte do movimento popular porque cria-se essa ideia de que todos são igualmente corruptos e por que tomar partido do lado do PT, da CUT se eles também são corruptos? Isso aí a burguesia, a alta classe média, sabe ou intuiti. A classe média não podia desfilhar pela Paulista pedindo para revogar os direitos trabalhistas das domésticas e por aí vai... Então, o discurso da corrupção também serve para generalizar interesses que, na verdade, são bem específicos.

E outra coisa é o seguinte: pesquisas sociológicas mostram também que quem mais tem uma atitude preconceituosa com a população pobre não é a burguesia. Quer dizer, a burguesia também é contra a distribuição de renda. Mas assim, na atitude de preconceito, aí é a classe média mesmo. É porque ela está se comparando sempre. ☺

Aray Nabuco, Lilian Primi e Lúcia Rodrigues são jornalistas.